

# D. Eurico Dias Nogueira e a Universidade Católica Portuguesa: acção e pensamento\*

JORGE COUTINHO

## 1. Na turbulência dos tempos, um bispo interventor

Quando, num dia cinzento do Outono de 1967, nesta cidade de Braga, Sua Eminência o Cardeal Gabriel-Maria Garrone, na qualidade de Prefeito da Congregação Romana para a Educação Católica, presidia à solene abertura da Universidade Católica Portuguesa, recentemente criada, o Senhor D. Eurico Dias Nogueira era bispo há três anos, encontrando-se nas longínquas paragens de Vila Cabral, em Moçambique. Por essas terras, a que se seguiriam as de Sá da Bandeira, em Angola e, por tempo muito breve, ainda as de Pereira d'Eça, exerceu entusiástico e fecundo apostolado missionário. A causa da Universidade Católica, longe da vista, bem poderia estar longe do coração, fora do elenco das suas preocupações. No entanto, não foi isso o que se verificou. Conhecedor dos seus primeiros passos, com as inerentes dificuldades de todo o começo, além de um donativo a título pessoal, logo se prontificou a enviar, como ajuda da sua Diocese, ela própria incipiente e cheia de carências, um donativo de 50.000 escudos (uma quantia relativamente avultada, para o tempo), com a promessa de continuar ajuda semelhante nos anos futuros.

Se, porém, este foi já um primeiro sinal do seu empenhamento na causa da Universidade Católica, o que melhor se nos oferece realçar, nesta experiência da

---

\* Texto lido pelo autor, em modo de *Lectio sapientiae*, na solene abertura do ano académico 2007-2008 da UCP-Braga, em 23 de Outubro de 2007.

missão africana, é que o jovem prelado configurava já o modelo episcopal da sua vida, prefigurando o perfil que haveria de assumir mais tarde na Europa, concretamente como Arcebispo Primaz de Braga e membro do Episcopado português. D. Eurico haveria de preocupar-se sistematicamente em aliar os cuidados relativos à vida interna das suas dioceses, com as responsabilidades da Igreja relativamente à vida do mundo. Estaria sempre consciente de que, se no interior deste há-de a Igreja fortalecer os seus próprios membros, instituindo fermentos de permanente renovação, em face dele está posta como sentinela vigilante, chamada, sempre que necessário, a intervir com a sua denúncia profética.

Esta segunda faceta do seu perfil apostólico ganhou com o tempo especial relevo, tornando-se porventura numa das notas mais marcantes e tipificantes do episcopado de D. Eurico. Particularmente preocupado com descaminhos vários da sociedade e cultura em presença, tornou-se, desde a estadia em África, um bispo de intervenção e combate. Aprendera, aliás, esse jeito de estar na vida já desde os tempos em que, na sua cidade de Coimbra, além de chefe de redacção do *Correio de Coimbra*, fora assistente eclesiástico do Centro Académico de Democracia Cristã (CADC), função em que o haviam precedido figuras tão prestigiadas como José Manuel Pereira dos Reis, Manuel Gonçalves Cerejeira, José de Almeida Correia, Luís Lopes de Melo, Manuel Trindade Salgueiro, António Cruz Gomes e Urbano Duarte. Já por esse tempo, a luta pela justiça social e política foi apanágio deste organismo para-universitário de apostolado cristão<sup>1</sup>.

Este modo de participar na missão profética da Igreja, continuou-o efectivamente em África, onde, na síntese feliz de João Marques, se tornou «um bispo missionário na tormenta africana»<sup>2</sup>. Em tempos duros de guerra colonial, a sua clarividência da situação e a coragem de sobre ela se pronunciar, com alguma insistência, com desagrado do Governo de Lisboa e da sua polícia política, nomeadamente na defesa de missionários, valeram-lhe calúnias e outros dissabores, incluindo a inscrição do seu nome nos ficheiros da PIDE<sup>3</sup>. Actuação semelhante foi prosseguida em Angola, no período difícil da revolução de Abril e da transição das colónias para a independência<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Casos como os da campanha de Humberto Delgado, do assalto ao «Santa Maria», da famosa Carta do Bispo do Porto a Salazar e da (consequente) agitação estudantil, obrigaram o CADC e, com ele, o jovem padre doutor Eurico, a pronunciar-se em nome dos princípios cristãos. Cf. Eurico Dias NOGUEIRA, *Momentos de uma caminhada existencial*, ed. do autor, Braga, 2002; José Adílio MACEDO, *D. Eurico Dias Nogueira. O homem e o sacerdote: do nascimento ao episcopado*, «Theologica» 35, 2 (2000) 369-371.

<sup>2</sup> Cf. João Francisco MARQUES, *Um bispo missionário na tormenta africana*, «Theologica» 35, 2 (2000) 375-404.

<sup>3</sup> Cf. Eurico Dias NOGUEIRA, *Missão em Moçambique*, p. 67; J. F. MARQUES, l. c.

<sup>4</sup> Sobre a actuação de D. Eurico em África, além do art. cit. de João F. Marques, veja-se: Eurico Dias NOGUEIRA, *Carta Pastoral no Vigésimo aniversário da diocese Lubanguense*, Sá da Bandeira, 1975; ID., *Missão e demissão em Angola*, ed. do autor, Lubango-Huila, 1977; ID., *Missão em Moçambique*, ed.

## 2. D. Eurico e a Universidade Católica: acção e pensamento

Esta postura durante o tempo africano, na sequência do de Coimbra, ajuda-nos também a compreender porquê, uma vez de novo em Portugal, como Arcebispo de Braga, D. Eurico pôs sempre um particular interesse e empenho no que à Universidade Católica Portuguesa dizia respeito. Ela haveria de ser por ele pensada e assumida na linha do combate espiritual da Igreja no mundo envolvente.

A compreensão da importância eclesial e da função social da UCP estava facilitada em D. Eurico também pela experiência pastoral da sua juventude. Muito embora, antes do episcopado, não tenha sido um universitário por inteiro – como vai acontecendo hoje, felizmente, com boa parte dos bispos de mais recente nomeação –, a verdade é que, desde os primórdios do seu sacerdócio esteve ligado à universidade, cultivou o espírito universitário e ganhou consciência da relevância da instituição universitária na vida da sociedade. Doutorado na Universidade Gregoriana e licenciado na de Coimbra, assistente, naquela cidade, da Juventude Universitária Católica Feminina e, como já ficou referido, do CADC, e ainda Capelão da Universidade<sup>5</sup>... estava particularmente predisposto para compreender a mais-valia que uma Universidade Católica representava para a Igreja em Portugal. Por várias vezes haveria de afirmar que a sua fundação foi, neste âmbito, «uma das grandes inovações do após-Concílio»<sup>6</sup>, talvez [mesmo] «o [seu] maior empreendimento»<sup>7</sup>.

### 2.1. Acção

Não admira, pois, que, como Arcebispo de Braga, D. Eurico tenha dedicado à mesma Universidade um indesmentível carinho e se tenha empenhado seriamente no seu incremento. Além de muito cedo ter sido convidado para integrar o Senado da Universidade do Minho, passou a estar vinculado à causa da Católica em razão do próprio cargo. Com efeito, além de membro qualificado da Conferência Episcopal Portuguesa, organismo a que pertence a Universidade Católica, e da sua Comissão para os assuntos a ela referentes, pelo facto

---

do autor, Vila Cabral, 1970; ID., *Da Missão em Moçambique à Missão em Angola*, ed. do autor, Coimbra, 1972; ID., *Episódios da minha missão em África*, ed. do autor, Braga, 1995.

<sup>5</sup> Cf. Eurico Dias NOGUEIRA, *Momentos de uma caminhada existencial*, passim.

<sup>6</sup> D. Eurico Dias NOGUEIRA, «Dia nacional da Universidade Católica», in *Para memória da Universidade Católica Portuguesa em Braga*, col. «Memorabilia Christiana» 15, Faculdade de Teologia-Braga (UCP), 2007, p. 57.

<sup>7</sup> «A Universidade Católica e os emigrantes», in o. c., pp. 64 e 67.

de ser Arcebispo de Braga tornou-se também membro nato do seu Conselho Superior. A presença assídua a reuniões deste, mormente àquelas em que era principal objecto de trabalho a discussão da primeira versão dos Estatutos – sobre projecto de articulado iniciado pelo saudoso Prof. Guilherme Braga da Cruz e continuado, após a sua morte inesperada e precoce, pelo Prof. Afonso Queiró –, permitiu-lhe, desde cedo, estar por dentro da natureza, dos princípios enformadores, dos objectivos e também dos problemas da UCP.

Bem consciente de que «o futuro de uma Nação se forja nas suas escolas»<sup>8</sup>, D. Eurico, em suas intervenções públicas, preocupou-se, antes de mais, com a afirmação e defesa do próprio direito da Universidade Católica a existir. Por outro lado, precavendo ou combatendo alguma, bem conhecida, mentalidade reducionista, lembrou à sociedade, e sobretudo aos políticos, o seu carácter público, embora não estatal, que não propriamente privado, carácter que assenta em bases jurídicas concordatárias e que se liga com a sua pura função de serviço à sociedade e à Igreja, sem fins lucrativos<sup>9</sup>. Defendeu, por outro lado, uma efectiva liberdade de escolha por parte das famílias, liberdade que supõe e inclui o apoio financeiro do Estado às escolas não estatais<sup>10</sup>, sublinhando que a educação não é função do Estado, mas das famílias, não devendo, em consequência, haver monopólio daquele, cuja função é subsidiária destas, e não ao contrário<sup>11</sup>. Pela sua parte, ao povo de Deus, aproveitando o Dia Nacional da Universidade Católica, fazia questão de sistematicamente lembrar a sua importância eclesial e exortava-o a interessar-se por ela e dar-lhe o seu apoio financeiro.

Tendo sempre acompanhado atenta e empenhadamente a vida da Universidade em geral, dispôs-se inclusivamente a ceder de boa vontade alguns sacerdotes bracarenses para desempenharem cargos docentes e dirigentes nos serviços centrais em Lisboa: diversos professores, dois Vice-Reitores, um Reitor e um Administrador.

Mas, como é natural, foi especialmente na sua implantação e seu incremento em Braga que esse interesse e empenho se fizeram sentir. Quando, em 1977, iniciou nesta cidade e Arquidiocese o seu serviço pastoral, a UCP dispunha aqui apenas da Faculdade de Filosofia. O novo Arcebispo, que era estatutariamente o seu «Patrono», deu-lhe sempre o seu apoio, ciente que estava da importância eclesial da formação de inspiração cristã que nela recebiam centenas (ou milhares) de estudantes, os quais

---

<sup>8</sup> «Um Bispo de ontem e uma Universidade de hoje e amanhã», in o. c., p. 21.

<sup>9</sup> Cf. «Por ocasião dos vinte anos da UCP», in o. c., p. 66

<sup>10</sup> Cf. «A propósito do 'Dia da Universidade Católica Portuguesa'», in o. c., p. 24. Vd. também pp. 55 e 83-84.

<sup>11</sup> Cf. «Homilia na Missa inicial do ano académico[1982-83]», in o. c., p. 24; vd. também pp. 25 e 83-84.

haveriam de ocupar na sociedade portuguesa, mormente nas escolas secundárias e superiores, lugares e cargos de grande impacto cultural.

Mas Braga – pelo seu passado histórico (com presença vária de estudos superiores<sup>12</sup>); e de cuja escola teológica, do Seminário Conciliar, recentemente haviam saído dois Cardeais Patriarcas, por inerência também Magnos Chanceleres, e um Reitor da UCP<sup>13</sup>; pelas instituições e estruturas culturais de que já dispunha (com relevo para o facto de ser já uma cidade universitária); e pelas necessidades pastorais, culturais e sociais do tempo presente – merecia bem possuir outras escolas universitárias no âmbito da UCP, a ponto de, com o tempo, vir mesmo a assumir a medida e figura de um Centro Regional. D. Eurico incentivou a criação de condições que permitissem a sua instituição, cuja concretização haveria de ter lugar já depois da sua transição para a condição de Arcebispo Emérito.

Nos limites do tempo necessário para o crescimento e maturação desse projecto – e baldado que foi o seu desejo de uma extensão de estudos históricos e arqueológicos em Guimarães<sup>14</sup> –, foi sobretudo a Faculdade de Teologia que lhe mereceu uma particular atenção e um continuado apoio. Pugnou pela integração da escola teológica do Seminário Conciliar, a par com a congénere do Porto, na Faculdade de Teologia já existente em Lisboa. Soube avaliar positivamente o alcance desta união de forças, na distinção das sedes de cada núcleo e sua ligação às respectivas dioceses, para a causa da teologia e da Igreja em Portugal. A Faculdade de Teologia ganhou, de facto, uma dimensão nacional, com um Conselho Científico constituído hoje por cerca de trinta professores, desde Auxiliares a Catedráticos, e tem produzido frutos de grande valor, que não teriam sido possíveis na anterior situação: valorização de docentes, incremento da investigação (com um conjunto de Centros de Estudos em funcionamento) e das publicações (toda uma série de valiosas colecções de livros e outra de revistas científicas), promoção de congressos, semanas de estudos, colóquios e outras acções destinadas ao público exterior (clérigos, religiosas e leigos), intervenções várias na vida da sociedade, etc. No que ao núcleo de Braga diz respeito, acolheu com entusiasmo a nova licenciatura em Ciências Religiosas e o lançamento do Curso Teológico-Pastoral. Além de sacerdotes com preparação científica adequada, e também de religiosas com formação teológica, o meio bracarense e minhoto começou a dispor, no serviço pastoral e no apostolado, seja no ensino religioso nas escolas seja em outras funções, de um razoável número de leigos e leigas com preparação de nível superior nas coisas que dizem

---

<sup>12</sup> Cf. «Na abertura do novo ano lectivo [1983-84]», in o. c., p. 44; vd. também pp. 47-48 e *passim*.

<sup>13</sup> Cf. «No vigésimo aniversário da UCP», in o. c., p. 70.

<sup>14</sup> Cf. «Homília na Missa inicial do ano académico», in o. c., p. 35; vd. também p. 98.

respeito à religião. Em tudo isso, o Senhor D. Eurico sempre prestou o seu apoio, seja moral, seja logístico, seja financeiro seja, sobretudo, no incremento do seu corpo docente, disponibilizando com sacrifícios de vária ordem, sempre que lhe foram apresentados como necessários, sacerdotes para fazerem o doutoramento em ordem à progressão na carreira académica e à valorização da Faculdade<sup>15</sup>. Respeitando a sua autonomia, procurou que a Faculdade de Teologia desse apoio aos Museus Pio XII e Medina, bem como ao Arquivo Diocesano<sup>16</sup>. E desejou mesmo que, com o recíproco apoio destes e tendo em conta o passado histórico de Braga, a Faculdade de Teologia desenvolvesse uma especialização em Teologia Histórica, especialmente Patrística<sup>17</sup>. Esse desejo acabou por ser concretizado no Instituto de História e Arte Cristãs, não integrado mas efectiva e estatutariamente apoiado pela Faculdade de Teologia<sup>18</sup>. Nos últimos anos, já liberto das suas obrigações de bispo residencial, tem ainda encontrado tempo, competência e jeito para – ao mesmo tempo que presta serviço no Tribunal Eclesiástico em causas de nulidade matrimonial – leccionar, na Faculdade de Teologia, no Curso de Pós-graduação em Direito Matrimonial Canónico.

O Direito Canónico, aliás, área da sua especialização universitária, mereceu-lhe, no âmbito da UCP, um particular interesse. Foi pioneiro no incentivo à criação de uma Associação de Canonistas<sup>19</sup>, de um Centro de Estudos de Direito Canónico e mesmo de um Instituto Superior de Direito Canónico<sup>20</sup>, um e outro hoje efectivamente criados e em funcionamento. Propôs a edição de um boletim, que também se tornou realidade na revista *Forum Canonicum*, a realização de Semanas de Estudos naquela área, elas também tornadas já uma rotina<sup>21</sup>. Acalentou o sonho, infelizmente não realizado, de ver, nas Faculdades civis, mas também nos Cursos de Direito da Católica, uma cadeira de Direito Eclesiástico, com particular incidência nos assuntos da constituição jurídica da Igreja Católica, da Concordata e do direito matrimonial, assuntos em que é grande a ignorância por parte dos civilistas, não raro chamados a lidarem com eles e, em qualquer caso, cada vez mais necessários particularmente para intervirem em processos de declaração de nulidade de matrimónios canónicos.

---

<sup>15</sup> Cf. «Depoimento na solene abertura das aulas», in o. c., p. 79.

<sup>16</sup> Cf. «No princípio de mais um ano escolar», in o. c., p. 50.

<sup>17</sup> Cf. «Depoimento na solene abertura das aulas», in o. c., p. 80.

<sup>18</sup> Cf. «Dia da Universidade Católica e Instituto de História e Arte Cristã», in o. c., pp. 82-83.

<sup>19</sup> Cf. «Reflexões em torno da Universidade Católica», in o. c., p. 100.

<sup>20</sup> Cf. «Dia Nacional da Universidade Católica», in o. c., p. 60.

<sup>21</sup> Na realização concreta destes vários sonhos do Arcebispo canonista, desempenhou papel determinante o Prof. Doutor Manuel Saturino Gomes, da Faculdade de Teologia (núcleo de Lisboa), também ele canonista de grande competência e também ele, desde longe, consciente daquelas lacunas, às quais muito se empenhou por encontrar resposta.

Preocupou-se mesmo com sugerir, em esboço, um programa pormenorizado para essa cadeira<sup>22</sup>.

O Arcebispo D. Eurico preocupou-se bastante também com a pastoral universitária<sup>23</sup>, seja em sua incidência na Católica seja no universo mais vasto da Universidade do Minho e da Arquidiocese, mormente em Braga e Guimarães. Investiu em pessoal qualificado e acalentou alguns sonhos que, infelizmente, não chegou a ver concretizados.

Na sua acção deve ainda inscrever-se o seu empenhamento na cooperação e eficiente colaboração da UCP com as Conferências Episcopais de Angola e Moçambique, em ordem à criação, nestes países tão estreitamente ligados a Portugal, das suas próprias Universidades Católicas<sup>24</sup>.

A acção de D. Eurico em prol da UCP na extensão bracarense pode, de resto, ser avaliada, em síntese, pela sua sistemática presença em actos académicos, como ponto de honra mas também como oportunidade para expor o seu pensamento acerca da UCP em geral. É esse pensamento que passo agora a expor.

## **2.2. Pensamento**

O livro de sua autoria – em que se coligem homilias, alocuções e notas pastorais, seja por ocasião do dia Nacional da UCP, seja de actos académicos nas escolas bracarenses da mesma, e do qual nesta oportunidade se faz apresentação pública – testemunha abundantemente o pensamento do Arcebispo a respeito da missão da mesma UCP na Igreja e na sociedade em Portugal. As razões da importância que lhe atribuíam identificam-se, afinal, com as razões de ser da Universidade Católica, inscritas nos seus Estatutos como as suas finalidades (art.º 3º) e que o Senhor Arcebispo, repetidas vezes, nos seus discursos, fez questão de lembrar, citando. Na linha, mais ampla, da sua visão da actuação da Igreja, no essencial, elas são, no seu modo de ver, de duas ordens: razões respeitantes à vida interna da mesma Igreja, enquanto inserida num tempo e num mundo particularmente exigentes, e razões que decorrem da sua missão profética em face do mesmo mundo.

---

<sup>22</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 60-62; vd. também pp. 98-99 e 101.

<sup>23</sup> Cf. «No início de mais um ano da UCP em Braga», in o. c., p. 95.

<sup>24</sup> Cf. «Mais um Dia Nacional da Universidade Católica», in o. c., p. 114.

### 2.2.1. A UCP e a vida da Igreja: formação de quadros eclesiais

Nas razões internas inscrevem-se duas, entre si complementares: por um lado, a vantagem de, num tempo de acesso crescente ao patamar universitário do saber, com uma sociedade constituída por pessoas cada vez mais informadas, mais cultas e mais críticas, os futuros pastores estarem material e formalmente qualificados ao mesmo nível (função da Faculdade de Teologia)<sup>25</sup>; por outro lado, a formação de leigos imbuídos do espírito cristão, para com ele fermentarem os seus meios sociais e de trabalho (função das demais Faculdades). Repetidas vezes ouvi o Senhor Arcebispo dizer publicamente que a formação de quadros humanos era vital para o futuro do Evangelho, já que, se as estruturas materiais podem ser arrasadas, se aqueles existirem e forem de qualidade, a Igreja renascerá sempre das próprias cinzas. Nisso coincidia por inteiro com o estipulado pelos citados Estatutos da UCP ao inscreverem nas finalidades desta, entre outras, a da «preparação de quadros para a comunidade eclesial e para a sociedade civil, mediante uma formação científica e profissional actualizada e uma aprendizagem deontológica inspirada nos princípios do Evangelho e nas exigências da justiça»<sup>26</sup>. E também com o pensamento da Igreja expresso na Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae* sobre as Universidades Católicas, promulgada por João Paulo II em 15 de Agosto de 1990, que também fez questão de citar, em largos extractos, na abertura do ano académico iniciado meses depois<sup>27</sup>.

Em 7 de Fevereiro de 1993, lembrava D. Eurico: «Esta ordem de escolas tem-se revelado como um meio eficaz de actuação no mundo da cultura, fazendo nele uma síntese credível da fé e da ciência; e de formação de cristãos cultos e coerentes, entre os quais surgem profissionais altamente competentes e políticos intransigentemente honestos. Ela há-de constituir-se como espécie de oficina onde se forjem «Homens e Mulheres com letra grande», agentes de um autêntico humanismo cristão<sup>28</sup>. O Arcebispo ousava mesmo a apontar exemplos de homens notáveis desta tèmpera, quais foram, nomeadamente, os «pais da Europa comunitária» (De Gasperi, Konrad Adenauer, Robert Schuman e Jean

<sup>25</sup> Cf. «Por ocasião dos vinte anos da UCP», in o. c., p. 68.

<sup>26</sup> *Estatutos da Universidade Católica Portuguesa* (versão de 1980, art. 3º d); cf. também versão de 1993, art.º 3º d); D. Eurico Dias NOGUEIRA, *Para memória da Universidade Católica Portuguesa em Braga*, pp. 19, 43, 59, 73, 122-123, 133.

<sup>27</sup> Aos seus alunos, lembrava, por isso, o Arcebispo, a Universidade Católica «há-de ensinar-lhes que existem valores que valem mais que o dinheiro e a posição social, mais que a política e as amizades humanas; até valem mais que a própria vida»; e que, em sintonia com isso, como alunos da Católica, devem saber «demarcar-se de certas actividades estudantis que nada têm dignificado a classe» («Em louvor da Universidade Católica», in o. c., p. 124).

<sup>28</sup> «Nas 'bodas de prata' da Universidade Católica», in o. c., pp. 119-120.

Monet), mas também portugueses e bracarenses, como Francisco Sousa Gomes e seu sobrinho-neto Guilherme Braga da Cruz<sup>29</sup>.

Quer dizer que D. Eurico esteve sempre consciente da relevância da evangelização da cultura<sup>30</sup>, como meio modelador das mentalidades e dos comportamentos, hoje com bem maior poder de influência que as cada vez menos ouvidas vozes da Hierarquia eclesiástica<sup>31</sup>. Como interrogava um dia: «Não é certo que ela [a UCP] tem por missão tornar presente no mundo da cultura a verdade cristã? E respondia: «Pretende, em certo modo, fazer a síntese entre a fé e a razão, entre a ciência revelada e a adquirida.»<sup>32</sup>. O Arcebispo tinha consciência de que, como dizia Paulo VI, «a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época» e que, em consequência, «importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura»<sup>33</sup>; ou, nas palavras da Constituição apostólica atrás referida, também assumidas e citadas por D. Eurico, trata-se de «transformar a partir de dentro, tornar nova a própria humanidade»<sup>34</sup>, cientes de que «o diálogo da Igreja com as culturas do nosso tempo» é «o sector vital onde se joga o destino da Igreja»<sup>35</sup>. Por isso, «a Universidade Católica «é lugar primário e privilegiado para um frutuoso diálogo entre o Evangelho e a cultura»<sup>36</sup>.

### 2.2.2. *Face à sociedade civil: o combate pela verdade*

Por outro lado, entre as razões do valor e importância que atribuía à Universidade Católica, externas (que não alheias) à vida da Igreja, realçou D. Eurico, como preferencial, a do combate pela verdade, sempre que esta se apresente humilhada e ofendida<sup>37</sup>. Não fosse timbre daquela, inscrito no seu emblema, estar ao serviço da mesma verdade (VERITATI).

É de todos conhecido que foi timbre do pastoreio do Senhor Arcebispo D. Eurico aliar a bondade e afabilidade no trato com as pessoas – sem olhar à sua condição política, ideológica ou religiosa – com a energia apostólica na condenação dos seus erros, quando necessário. O diálogo pastoral com a cultura

<sup>29</sup> Ibid. e p. 123.

<sup>30</sup> Cf. «Na abertura do novo ano lectivo», in o. c., p. 43.

<sup>31</sup> Cf. «No início de mais um ano da UCP em Braga», in o. c., p. 92: vd. também pp. 105, 115 e 123.

<sup>32</sup> «Dia da Universidade Católica e Instituto de História e Arte Cristã», in o. c., p. 82.

<sup>33</sup> PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 Dez. 1975), n.º 20.

<sup>34</sup> «No início de mais um ano da UCP em Braga», in o. c., p. 95

<sup>35</sup> Ibid., p. 92.

<sup>36</sup> Ibid., p. 95; vd. também p. 105.

<sup>37</sup> «No início de mais um ano da UCP em Braga», in o. c., p. 95.

pareceu-lhe sempre compatível com a dialéctica reclamada pela proclamação e defesa da verdade em face do erro. Com frequência, serviu-se, ele mesmo, das suas intervenções no Dia da UCP, para combater os mais variados desvios presentes na vida social e política. Na verdade, é aqui que ganha compreensão a continuidade, atrás referida, entre o seu combate espiritual em África e o que travou como Primaz de Braga. Essa em que ele aparece, conforme atrás referi, como um bispo de intervenção e combate.

Da sua cátedra episcopal, e particularmente em actos académicos da Católica em Braga, verberou os comportamentos dos maus políticos, não raro incompetentes e corruptos, mais votados aos próprios interesses que ao bem do povo.

Por mais que uma vez, fez questão de lembrar que, no «período de confusão e degradação para a generalidade do ensino universitário [... – referência aos tempos revolucionários do pós 25 de Abril], por haver caído o poder nas mãos de grupos – que não do Povo – foi na UCP que encontraram acolhimento alguns Mestres competentes, expulsos arbitrariamente das suas cátedras»<sup>38</sup>.

Repetidas vezes o Arcebispo verberou «a generalidade dos grandes meios de comunicação social», dos quais «os valores do cristianismo andam muito arredados»<sup>39</sup>, e que tão fácil e levemente se arvoram em juízes, a modo de julgamento popular<sup>40</sup>, insinuando suspeitas e destruindo a reputação de cidadãos dignos e de instituições honestas<sup>41</sup>.

Denunciou as misérias que atingem a sociedade: corrupção, droga, alcoolismo, prostituição, criminalidade, pensões de reforma miseráveis e socialmente injustas, miséria de tantos ao lado de riquezas excessivas de alguns<sup>42</sup>, depressão económica e financeira, descrédito da justiça, degradação dos comportamentos cívicos<sup>43</sup>. Denunciou particularmente as misérias materiais e espirituais da instituição familiar, com destaque para «a chaga do divórcio e a praga do aborto», e a ausência de verdadeiras políticas em abono da família<sup>44</sup>; a inoperância de boa parte da classe política, as suas ideologias anti-cristãs, a sua guerrilha contra a Igreja e a sua destruição dos valores morais e espirituais<sup>45</sup>. Pediu que se preste «atenção à projectada celebração do próximo centenário da mudança de regime político

<sup>38</sup> «No vigésimo aniversário da UCP», in o. c., p. 73; vd. também p. 84.

<sup>39</sup> «Mais um Dia Nacional da Universidade Católica», in o. c., p. 115.

<sup>40</sup> «Considerações em torno da Universidade Católica», in o. c., p. 136.

<sup>41</sup> «Ainda um novo Dia da Universidade Católica», in o. c., p. 141.

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> «Porquê e para quê a Universidade Católica?», in o. c., pp. 156-157.

<sup>44</sup> «Palavras na sessão de encerramento», in o. c., p. 39; vd. também p. 157.

<sup>45</sup> «Encerramento da sessão académica», in o. c., pp. 55-56.

em Portugal, para não ser obliterada ou distorcida a feroz perseguição desencadeada contra a Igreja»<sup>46</sup>.

Oportuna, sábia e bem fundamentada intervenção teve D. Eurico no Dia da UCP, em 2000, sendo já Arcebispo Emérito. Assumiu a questão candente em torno do projecto da *Lei da liberdade religiosa* e sobre ela se pronunciou contra o que, pertinentemente, apoda de «fundamentalismo anti-religioso, anti-eclesial e anti-clerical anacrónico e nada democrático»<sup>47</sup>. Esclareceu sobre a concordata, as relações diplomáticas com a Santa Sé, o direito e a importância social das aulas de Religião e Moral Católica, a questão dos crucifixos nas escolas, a ideia de laicidade (com a tese: «o Estado é laico, a Nação não») <sup>48</sup>. Justificou as isenções fiscais, a assistência religiosa em estabelecimentos públicos, a representação da Igreja em actos oficiais, etc.

Mas é importante registar que este procedimento de D. Eurico, em Dia da UCP ou em outros actos académicos, além de valer por si próprio, em seu entendimento deveria constituir exemplo para a mesma Universidade. Como lembrou, numa das suas alocuções, citando a Constituição Apostólica atrás referida, «Quando for necessário, a Universidade Católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incómodas, verdades que não lisonjeiem a opinião pública», defendendo «os princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana»<sup>49</sup>. Tendo presentes alguns exemplos concretos – como (ao tempo) recentes espectáculos televisivos em que a pessoa humana era degradada, um «livro blasfemo» em que o autor procede deliberada e intencionalmente à desfiguração da imagem de Cristo e seus familiares, e ainda o «desvirtuamento da problemática timorense» –, D. Eurico fez questão de lembrar, nessa oportunidade, que a Universidade Católica deve «prestar boa atenção às deturpações da doutrina do Evangelho e eventuais ataques à Igreja, nascidos de má fé, simples ignorância ou deformação moral dos seus autores»<sup>50</sup>. E concluindo a mencionada intervenção sobre o projecto de Lei da Liberdade Religiosa, dizia: «Se trago tão melindrosos temas para este lugar, na celebração do *Dia da UCP*, é porque entendo que esta, como Instituição, e cada um dos seus membros – especialmente os mestres, como pessoas altamente preparadas e competentes – devem estar atentos, para exporem a doutrina

<sup>46</sup> «Porquê e para quê a Universidade Católica», in o. c., p. 157.

<sup>47</sup> «A Igreja no pelourinho. Louvor e apelo à Universidade Católica», in o. c., p. 147.

<sup>48</sup> *Ibid.*, pp. 147-151.

<sup>49</sup> «No início de mais um ano da UCP em Braga», in o. c., p. 95.

<sup>50</sup> «A Universidade Católica e a Evangelização», in o. c., p. 106; vd. também pp. 109-110 e 119.

certa, desfazendo erros, equívocos e aleivosias.»<sup>51</sup>. E não se coibia mesmo de concretizar: «Tal tarefa tanto pode efectivar-se através de aturados trabalhos de investigação e reflexão, para publicações autónomas e revistas de cultura, como em artigos de opinião, ou intervenções orais nos órgãos de comunicação social, de impacto imediato no grande público.»<sup>52</sup>

## **Conclusão**

Senhor Arcebispo D. Jorge, Senhor Arcebispo D. Eurico, Senhor Reitor, Senhor Presidente da Comissão Instaladora do Centro Regional de Braga, da UCP, Senhoras e Senhores:

Se é função primordial da Universidade Católica estar ao serviço da verdade, devo concluir – e Vossas Excelências concluirão certamente também comigo – que estamos, neste momento e neste acto, prestando também um serviço à verdade. No caso, à verdade histórica da postura do Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira face à Universidade Católica Portuguesa, em acção e pensamento magisterial. É de justiça que – na oportunidade dos 40 anos da existência e actividade daquela – se reconheça a este essa sua quota parte de contributo para o êxito da missão pastoral da mesma UCP, lhe estejamos agradecidos e lhe rendamos a nossa homenagem.

E justo é também que essa verdade histórica fique condignamente registada em texto publicado, o qual também se integra com inteira pertinência na colecção «Memorabilia Christiana», do núcleo bracarense da Faculdade de Teologia por ele tão valiosamente apoiada, colecção que assume como objectivo, justamente, «fazer memória do que é digno de ser narrado no âmbito do Cristianismo em Portugal».

*23 de Outubro de 2007*

---

<sup>51</sup> «A Igreja no pelourinho. Louvor e apelo à Universidade Católica», in o. c., p. 152. Indicou mesmo alguns sectores «em que tem lugar e se espera uma intervenção esclarecedora e crítica da UCP», tais como: «o panorama político do País, a nível dos partidos»; a Assembleia da República, a digladiar-se em conflitos e questões estéreis e deprimentes; «os inúmeros vazios legislativos» em diversos âmbitos (família, juventude, ensino infantil, interioridade do País, imigrantes, corrupção, etc.). «Considerações em torno da Universidade Católica», in o. c., pp. 135-136

<sup>52</sup> *Ibid.*